



Proximidade entre crônica e cordel

Análise do folheto “A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva”¹

Gislene CARVALHO²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho é parte de monografia que está sendo desenvolvida para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará. Estudam-se as características da crônica nos folhetos de cordel noticiosos. Aspectos como o registro de memória e a subjetividade são destacados para realizar essa comparação. São utilizados autores que conceituam tanto o cordel como a crônica. Estes são colocados em diálogo para que seja feita essa reflexão, a partir do folheto “A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva”. Apesar de não se considerar o cordel uma crônica, realiza-se uma aproximação, a partir das características que são semelhantes às duas formas de expressão literária que têm como ponto de partida o cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica, Cordel, Literatura, Lula

Introdução

A literatura de cordel, em um de seus diversos tipos – ela vai da adaptação de clássicos da Literatura Universal até o relato de notícias de relevância pública – apresenta-se com características da crônica, gênero que também é permeado de variações que dificultam sua classificação. Entretanto, não chamamos o cordel de crônica, considerando que cada gênero apresenta suas especificidades. O que este trabalho apresenta são essas características que aproximam os dois gêneros, no estudo do folheto “A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva”.

Este artigo é parte da monografia “Características da Crônica na Literatura de Cordel: o caso das eleições de Lula em 2002 e 2006”, trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará; projeto desenvolvido desde 2010 com folhetos que relatam as vitórias eleitorais de Lula em 2002 e 2006.

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Graduanda do 8º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará



Estudar a literatura de cordel com características de crônica permite pensar a função social do cordel dentro do grupo onde circula. Nossa perspectiva é de, com esta análise, observar que o cordel exerce função informativa e de formador de opinião dentro de uma comunidade, a partir do momento em que se utiliza do real e atribui a ele um juízo de valor.

A escolha dos folhetos que têm Lula como protagonista para o estudo de caso deu-se devido à importância que o personagem teve e ainda tem no imaginário dos poetas, cuja maioria é nordestina. Por conta dessa presença, Lula é um dos cinco personagens mais recorrentes nos cordéis. E os folhetos que falam da vitória de Lula nas eleições de 2002 e 2006 mostram de forma explícita a opinião dos poetas diante do fato que é a chegada de um nordestino, retirante e ex-líder sindical à Presidência da República.

1. O cordel: folhetos literários em forma de poesia

A literatura de cordel é uma manifestação cultural de origem portuguesa e impressão rudimentar ou precária onde se registram os fatos históricos ou transcreve-se a poesia erudita. (DIEGUES apud ABREU, 1999). Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa a versão impressa da poesia popular. Nesse formato, a poesia é transportada com maior facilidade e se torna capaz de propagar ainda mais um caso.

“Imagem, texto e som presentes no universo do cordel integram sua identidade.” (ABREU, 1999, p.23). Esse tipo de literatura apresenta como grande vantagem a criação e impressão, feitas pelo próprio povo. A produção popular é feita como o autor a decide, sem amarras, sem vínculos empresariais, como os que norteiam as linhas editoriais das publicações de massa. Possui uma leveza tanto física, quanto de preço. Leveza que o permite atingir longas distâncias, mesmo que não tenha grande durabilidade de tempo. “Leves no tamanho, no peso, no preço, são feitos para estar no ar, para circular.” (BRASIL, 2005, p. 38).

A literatura de cordel segue padrões e obedece a modelos de composição. Os poetas buscam não fugir desses padrões que facilitam a memorização, a partir das repetições e dos padrões métricos. Os folhetos mais apreciados são aqueles que seguem os padrões tradicionais.



Esta ausência de inovações, este conformismo de composição dá à narrativa de cordel um caráter acentuado de obra coletiva, em que a figura do poeta como indivíduo se dissolve e se apaga, para fazer surgir o poeta como vate, como intérprete dos sentimentos do povo, como porta-voz da coletividade, como transmissor, sem refração, dos valores culturais, e sua obra adquire, por esta razão, características de uma narrativa mítica. (TAVARES JR., 1980, p.60).

Os versos são compostos em forma de sextilha – a composição mais próxima da fala ‘cantada’ nordestina. O cordel começa a aparecer no Nordeste no fim do século XIX, com Leandro Gomes de Barros. Para Martine Kunz (2001), os versos são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Eles tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece inacessível. “O poeta é a voz do silêncio!” (KUNZ, 2001, p.61).

O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, mas é um elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de co-autor, colaborador, pois autor e leitor são do povo e vivem no mesmo ambiente sociocultural.

Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possui uma voz plural, pois se trata de uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes, a “grande voz do tempo único, do tempo do povo” (TAVARES JR., 1980, p.12)

O novo meio, o tempo, o espírito do povo e a força inventiva do poeta são capazes de determinar versões locais, adaptações psicológicas e ambientais que fazem das narrativas nordestinas uma literatura popular com características específicas e um vigor criativo próprio indiscutíveis. (TAVARES JR., 1980, p. 9-10)

2. A notícia na literatura de cordel

“Aqui foi outro resgate / do poeta cordelista / que também é um repórter / igual a um jornalista / mas narrando diferente / do jornal e da revista.” (Paulo de Tarso, 2001). Fincado na cultura popular, o cordel interpreta o cotidiano. A poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-a é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

Os cordelistas possuem liberdade para falar sobre o assunto que bem entenderem e da forma que quiserem, sem precisar passar pela censura organizacional das grandes empresas. O aspecto jornalístico desses cordéis é percebido ao se escolher como tema uma notícia factual, ou ainda um fato histórico; e sobre esses assuntos, os poetas tecem seus comentários.



A escolha dos temas acontece – na maior parte das vezes – por conta de um agendamento em cima de uma notícia veiculada na mídia. Um fato que saiu na grande mídia e chamou atenção é reproduzido pelos cordelistas, que levam ao povo, além da descrição do fato, uma análise dele.

As crônicas, em forma de poesia, dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de ideologias que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião.

Mas, nos cordéis, o jornalismo que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta – jornalista do povo – transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular.

De acordo com Manuel Diegues (1986), os cordéis mais abundantes são os de registros de fatos acontecidos. Os cordéis de acontecidos são aqueles que apresentam como ciclo temático principal fatos que mereceram atenção popular. São fatos que no Jornalismo obedecem a critérios de noticiabilidade³ e possuem valores notícia que os tornam relevantes, a ponto de serem noticiados.

Tais fatos tornam-se recorrentes no cotidiano dos poetas, agendados⁴ pela mídia, e eles o transformam em folhetos. Os cordéis transformam-se em veículos de informação, atuando junto com o jornal, a televisão e o rádio, começando a perder espaço com a chegada destes últimos.

Os temas do Nordeste que têm consequências sociais, econômicas e humanas, sempre foram recorrentes nos versos populares. Mas os poetas não deixam de lado temas de grande repercussão nacional. Servem como registros de fatos e acontecimentos sociais.

Os folhetos classificados como “fatos de repercussão social” são os que apresentam fatos de grande interesse público. Desastres, acidentes, crimes, tragédias, assuntos políticos, dentre outros. É dada prioridade a fatos de relevância pública, novidades, notabilidade e tragédias. “Refletem tais fatos os acontecimentos do dia, o

³ A aptidão potencial de um fato tornar-se notícia chama-se noticiabilidade. Trata-se de um conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para torná-lo notícia. É regrada por “valores-notícias” que são conjuntos de elementos e princípios, através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e são analisadas suas potencialidades de produzir resultados e novos eventos que se transformarão em novas notícias. HOHLFELDT, Antonio. 2001.

⁴ Trata-se da capacidade dos meios de comunicação de pautar os assuntos que irão circular na sociedade, além de influenciar as opiniões e as notícias que circulam também nos outros veículos. Estabelece uma relação entre a agenda da mídia e a dos receptores. **IDEM.**



que desperta interesse através da acolhida que lhe dão jornais e revistas, rádio e televisão, na difusão dos aspectos principais do ocorrido.” (DIEGUES JR., 1986, p. 98).

Os folhetos referentes à “Cidade e Vida Urbana” descrevem a vida nas cidades pela ótica dos poetas, os hábitos, os costumes, aspectos que traduzem a impressão do poeta sobre aquela realidade que, muitas vezes, não é a sua. Aparecem nos folhetos o relato das imagens mais marcantes da vida na cidade.

Outro tema que aparece com frequência nos ciclos temáticos de fatos acontecidos é o elemento humano. Refere-se a personagens que se destacaram, tornando-se populares na memória coletiva. É neste elemento que nos deteremos nesta pesquisa, sendo utilizada a imagem do presidente Lula. O personagem tem uma dimensão social vista pelos poetas populares, que fixam suas atitudes, registrando-as.

A poesia popular reflete a sensibilidade coletiva, “a repercussão de atos ou gestos, benéficos ou maus, traduzindo o como e também o porquê as populações o acolhem, e não raro os conservam.” (DIEGUES JR., 1986, p. 131). Os relatos representam valores e traduzem as manifestações dos sentimentos dessas sociedades. Aparecem, portanto, figuras célebres como políticos, artistas, religiosos, cangaceiros, personagens míticos.

Getúlio Vargas é a figura política que mais se aproxima de Lula na quantidade de folhetos biográficos. Ambos têm uma imagem política bem aceita pelos poetas populares que escrevem como forma de homenagear e descrever os processos eleitorais e de governo. Também muito recorrentes são os temas ligados ao fanatismo religioso e misticismo. As imagens de Padre Cícero, Frei Damião e Antônio Conselheiro representam a fé dos sertanejos e sua devoção. Em narrativas de sagas, de milagres, Padre Cícero é o personagem mais tratado nos folhetos de cordel.

De acordo com Curran (2003), a literatura de cordel, quando faz o registro dos momentos históricos, assume características de crônica poética. Para ele, o cordel é, antes de tudo, poesia popular, e, portanto, reporta eventos opinando sobre eles e levando para os consumidores locais as mensagens dos veículos de massa recodificadas. Os folhetos de acontecidos servem também como registro de uma memória, pois relatam fatos de relevância pública.

Curran (2003) afirma que a função que o cordel possui de informar continua sendo cumprida, além de ensinar e divertir o público. Expressa a opinião do meio onde ele circula. Considera, ainda, que “o cordel é o documento popular mais completo da história do Nordeste brasileiro.” (CURRAN, 2003, p. 20).



Os fatos acontecidos que aparecem nos folhetos foram, normalmente, conhecidos por outras mídias. Ficam registrados nos cordéis os assuntos acima da norma cotidiana, que vão para o documentário poetizado no interior dos sertões do Nordeste (CASCUDO apud CURRAN, 2003). Os fatos que marcam as vidas dos sertanejos alimentam a literatura de cordel.

Citando Noblat, Curran (2003) concorda que a produção de cordéis de acontecidos se dá de forma muito parecida com a prática realizada nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos, interpretam e opinam sobre eles. Contribuem para a formação da opinião pública. “O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino” (CURRAN, 2003, p. 25). O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história.

De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações. A literatura de cordel, quando trata de fatos circunstanciais, traz elementos interpretativos e opinativos relacionados à notícia trabalhada.

Luyten (1992) concorda que as mensagens de cunho informativo trazidas pelos folhetos têm os mesmos valores-notícia dos veículos de massa, que são, normalmente, referentes a pessoas famosas e importantes, mortes, desastres naturais, enfim, assuntos que despertam o interesse público.

O autor defende que, ao contrário do que muitos pregam, o cordel não está em vias de se acabar, pelo contrário, ele está mudando de público – agora, estudantes, pesquisadores e turistas são quem costumam comprar os folhetos; e de localização geográfica – do sertão para as regiões urbanas. Porém, Roberto Benjamim (apud LUYTEN, 1992) afirma que no Brasil, o cordel é mais forte que a chamada cultura erudita.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os



mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade.

O cordelista seria responsável por “traduzir” uma determinada informação e difundir a opinião que será atribuída como coletiva. Ele vai interpretar os fatos do qual tomou conhecimento e transmitir sua opinião. Os cordelistas, mais que contar um fato, o comentam. Opinam, julgam, sentem o fato e os seus impactos. Ele não olha para o fato de fora, não pretende seguir a famigerada objetividade e imparcialidade jornalística. Ele se envolve. “O que mais importa é o comentário que o poeta faz diante do ocorrido.” (LUYTEN, 1992, p. 62).

Quando encontramos folhetos noticiosos, muito mais que informação, vemos a opinião do poeta ali retratada, apresentada e justificada pelos fatos. E o público leitor desses cordéis aceita a opinião, pois, muito comumente, compartilha dessas opiniões. O poeta dificilmente vai de encontro à ordem já estabelecida em sua comunidade. Os leitores confiam na informação interpretada pelo cordelista. Ele se torna uma referência.

3. Crônicas: características gerais do gênero histórico-literário-artístico

A ambiguidade é a palavra mais adequada para caracterizar uma crônica. É a partir daí que surgem os principais conflitos que tentam localizar a crônica no Jornalismo ou na Literatura. Este é um conflito que não deveria existir, pois a crônica permeia os dois espaços e ainda vai além. Voando como um colibri, alcança os ares da História.

A crônica é um gênero que permite uma vasta discussão acerca de seus conceitos. Por tratar-se de um gênero ambíguo que circula entre a Literatura e o Jornalismo, sendo utilizada também pelas pesquisas históricas, não tem apenas uma definição. Seus conceitos variam com o posicionamento dos teóricos que a situam como Literatura, Jornalismo ou História, mas sempre compreendendo a ligação que existe entre as três áreas, e nunca limitando o gênero, classificando-o apenas em uma delas.

Arrigucci (1985) considera que, assim como as coisas simples, a crônica é difícil de se definir. Autores divergem sobre sua categorização entre Jornalismo e Literatura, como é o caso de José Marques de Melo que classifica a crônica como um gênero de Jornalismo Opinativo. A ambiguidade da crônica é mencionada por Arrigucci quando define a crônica de Rubem Braga. Arrigucci (1985) afirma que o cronista mescla



elementos da tradição do narrador oral do interior e os temas se confundem pelo caráter circunstancial e o literário.

Lurito (1993) cita dois significados para o termo crônica: narração histórica ou de fatos comuns e texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, relativos à vida cotidiana. “Seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo.” (LAURITO, 1993, p.11). Para a autora, a função da crônica é manter a memória, que seria engolida pelo tempo, viva, salvando os fatos do esquecimento.

Laurito chama o cronista de escritor-jornalista ou jornalista-escritor, que prende e solta diariamente sua inspiração criadora. Todos os temas de interesse e relevância social são contemplados em algum espaço no jornal. Fica para a crônica, o tema das coisas cotidianas. O cronista é livre para ir além dos fatos de relevância, ele pode se ater aos detalhes das situações, das circunstâncias, do dia-a-dia.

Embora a palavra crônica, atualmente, possa ser utilizada no âmbito jornalístico, de maneira abrangente (crônica social, esportiva, política etc.), o que vai interessar ao nosso estudo será a crônica de autor, a crônica como forma de arte e considerada um gênero próprio – ou seja, a crônica literária. Essa teve origem nos folhetins do século XIX e, aos poucos, se foi definindo, redefinindo e limitando. [...] A crônica moderna é mais curta, mais sucinta, mais econômica de espaço. O folhetim borboleteava em torno de vários assuntos: a crônica, em geral, limita-se a comentar um só – que pode ser, inclusive, a própria falta de assunto. (LAURITO, 1993, p. 23).

Para Bender (1993), a ambiguidade é a lei da crônica. A essência da crônica literária seria tornar o transitório – a notícia – definitivo – a literatura.

Se o exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja um historiador do cotidiano, um trágico que a ela se dedique, como Nelson Rodrigues, deixará sua marca também (BENDER, 1993, p. 53).

Antonio Candido (1992) considera que a crônica não tem o objetivo de durar, mas é uma publicação efêmera e que não foi feita originalmente para o livro, podendo utilizar-se dele enquanto busca ultrapassar a rapidez do jornal. “A sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.” (1992, p.14).

A notícia é capaz de envelhecer e para isso não precisa de muito tempo. Um dia é suficiente. A literatura consegue permanecer, e é essa permanência da literatura misturada à efemeridade das notícias de jornal que definem o tempo de vida de uma crônica quando estas utilizam apenas o espaço do jornal. Depois de um tempo, algumas crônicas vão compor livros de antologias dos cronistas, e aí sim, fora se seu habitat



natural, as crônicas encontram um tempo de vida maior, talvez não com a mesma “qualidade” de vida.

A crônica passeia pela reportagem e pela Literatura. É o relato de um fato carregado de elementos literários. Elementos literários como a multissignificação, predominância de linguagem conotativa e a presença de metáforas. Quando um texto adquire essas características, ele deixa o plano do particular e alcança o que Proença Filho (1986) chama de universal.

Apropriando-se dessa linguagem, a crônica recria o cotidiano. De acordo com Proença Filho (1986, p. 29), “a realidade imediata não se diz em plenitude”, precisa por isso da arte literária para que possa ser expressa e finalmente completa. O imaginário é um elemento importantíssimo na constituição dessa representação do real. Por constituir-se de símbolos atribuídos pela imaginação, as representações do imaginário não precisam de comprovação, como por exemplo, quando nos referimos ao Nordeste, associamo-lo a símbolos, não à realidade em si, mas a representações mentais criadas sobre o que chamamos de Nordeste. Os significantes de Nordeste são dotados de estereótipos que podem ter significados que remetam a amor ou a desprezo.

Como características da crônica, Massaud Moisés (1997) aponta a brevidade, o tamanho curto do texto, mas a característica mais relevante é a subjetividade empregada ao tema. É a visão e a emoção do autor que o leitor busca encontrar na crônica. A linguagem é direta, espontânea e de apreensão imediata. Explora a polissemia das metáforas e liga seu lirismo à realidade dos fatos. O estilo do cronista é o instrumento que ele utiliza para apresentar o mundo. Situa-se entre o coloquial e o literário, está marcada pela oralidade e transcende ao mero acontecimento. Mas, a crônica é antes de tudo ambígua.

Arrigucci (1985), como Antonio Candido, situa a crônica próxima ao chão por sua linguagem simples e por tratar de assuntos considerados pequenos, os detalhes que compõem a vida cotidiana, atribuindo a eles um valor poético.

A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre os amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia. É exatamente essa a situação preferida das crônicas de Rubem Braga (ARRIGUCCI, ano, p.45).

Já Antônio Candido (1992, p. 13) afirma que é, a partir dessa falta de grandiosidade, que ela aproxima-se do cotidiano e, portanto, de todas as pessoas.



Cândido diz que a crônica “se ajusta à sensibilidade de todo dia”, composta de forma, aparentemente, solta e com “ar de coisa sem necessidade”. Para o autor, a crônica possui uma linguagem de quem se aproxima da naturalidade do discurso cotidiano, o que humaniza sua composição e permite um aprofundamento dos significados.

Para Candido, a crônica é despreziosa, insinuante e reveladora, além de manter uma relação de intimidade com a palavra. É um gênero brasileiro pela forma como se adaptou e se desenvolveu aqui. A linguagem é leve e descompromissada, afastando-se da lógica argumentativa e aproximando-se da essência poética.

Luiz Roncari (1985) faz considerações sobre a crônica literária, relacionando o texto literário à sua forma de circulação. Para ele, o estudo da crônica literária não envolve apenas um gênero, mas a produção literária em jornais e revistas. Roncari afirma que a crônica, enquanto vista como ambígua e voltada para interlocutores definidos, atua na formação da opinião.

Roncari também aponta a confusão que se faz do texto da crônica, seu estilo e sua linguagem com os meios por onde elas circulam. Cita Mikhail Bakhtine para defender a importância do interlocutor na definição da obra literária. Cada época, cada movimento literário e cada estilo artístico caracterizam-se pela concepção de recepção e audiência. O público é quem acaba definindo a categoria em que determinada obra se encontra, pois tanto no cordel, como na crônica, ou em qualquer outro tipo de manifestação artística, a ausência da recepção anularia o valor da obra.

Bender (1993) tenta apresentar algumas categorias de crônicas, deixando claro que cada cronista tem seu estilo peculiar e escolhe o tipo de texto ao qual vai dedicar-se mais. Ela cita Afrânio Coutinho e divide a crônica em quatro categorias: crônica narrativa, crônica metafísica, crônica poema em prosa e crônica-comentário.

E é como uma flor que cresce no asfalto que a crônica sobrevive.

4. A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

O folheto do poeta José Pessoa Maia – Zé Pessoa – descreve a trajetória de Lula ao sair de Pernambuco, chegar a São Paulo, trabalhando como torneiro mecânico e tornando-se líder sindical. O folheto foi encontrado na coletânea “Lula na Literatura de Cordel” (2009), do também cordelista Crispiniano Neto. O poeta destaca as dificuldades que Lula encontrou pelo caminho e defende que nada justifica a vida do crime, pois a solução para as adversidades da vida seriam a educação e o trabalho. A vida de Lula



seria um exemplo a ser seguido pelas crianças pobres que querem ser “um brasileiro brilhante”. Zé Pessoa inicia o cordel:

Eu quero nesse momento
Pedir a Deus de clemência
Que ilumine a nós todos
E a minha inteligência
Para realçar um fato
De muita benevolência!!!

Logo na primeira estrofe, o poeta deixa clara sua opinião sobre a trajetória de Lula. Seria “um fato de muita benevolência”.

A história que descrevo,
De um menino carente,
Nascido no Pernambuco,
Estado de clima quente
Que passou fome na vida
Mas, que hoje é presidente!!!

Mais que uma simples descrição, o poeta resgata de sua memória, momentos marcantes da história de Lula, momentos que se tornaram públicos e acompanhados pela mídia. Percebemos, na estrofe apresentada, que Zé Pessoa tem admiração pelo menino carente que um dia passou fome, mas que apesar disso, chegou à Presidência da República.

Como vi Lula dizendo
Emocionadamente:
A merenda de manhã,
Farinha com café quente,
Misturava numa cuia,
E minha mãe dava a gente!!!

O cotidiano de Lula encontra-se nas entrelinhas, pois o poeta nos oferece o exemplo do café da manhã, a refeição dita mais importante do dia. As outras refeições, quando aconteciam, provavelmente, seriam ainda mais frágeis do que a descrita.

Viajou de pau-de-arara
Para o Sul do país
Pro estado de São Paulo
Pra tentar ser mais feliz
Estado de clima frio
No coração do País!!!

Nesta estrofe, encontramos uma referência à migração de Lula para São Paulo, prática muito comum dos nordestinos que acreditam que no Sudeste poderão melhorar de vida e finalmente encontrar a felicidade que acreditavam não ter em sua terra natal. O poeta se refere a Pernambuco como o “Estado de clima quente” e São Paulo o “Estado de clima frio”, colocando o clima como causa do sofrimento e da pobreza em que Lula vivia.

Trabalhou de engraxate,
E também de ambulante,
Vendeu muita tapioca,
E continuou constante,



Sempre lutou pela vida,
Um brasileiro brilhante!!!

E estudou no Senai,
Curso profissionalizante,
Cursou torneiro mecânico
Uma profissão brilhante
Depois líder sindical,
Tornou-se muito importante!!!

Aqui, é levantada a trajetória de Lula depois de sua chegada a São Paulo, profissões por onde passou até tornar-se líder sindical. O poeta afere a Lula características muito positivas, destacando o tempo todo seu brilhantismo. Lula é um homem que se destaca diante da situação comum a tantos nordestinos que chegam a São Paulo e passam pelas mesmas profissões. Mas Lula começa a se destacar verdadeiramente quando passa a ser líder sindical, pois é nesse momento que ele deixa de ser mais um retirante no Sudeste para assumir uma vida pública e de liderança.

A subjetividade do poeta está em destacar o tempo todo sua admiração pelo homem que, apesar das adversidades, chegou à presidência da República. “Um brasileiro brilhante”, que poderia ter utilizado a pobreza como desculpa para o crime, mas em vez disso preferiu trabalhar por ele e pelos outros. O poeta resume a vida política de Lula:

Depois entrou na política,
Deputado mais votado,
Mas o sonho era mais alto,
Ser um chefe de Estado,
Isto é, ser presidente,
Por três vezes derrotado!!!

Porém nunca desistiu,
Por ser um homem valente,
De posições decididas,
Continuou persistente,
Teve a maior votação
E se tornou presidente!!!

Nas estrofes seguintes, o poeta faz uma reflexão sobre a relação entre as condições sociais dos indivíduos e suas atitudes. Para o poeta, educação é fundamental para que as pessoas consigam sair da situação de pobreza, sem que precisem passar por situações ilícitas, cometer crimes. Fica clara a opinião do poeta de que Lula deve servir como exemplo. Ele mostra, a partir da história de vida de Lula, que a pobreza não justifica os atos criminosos, que há muitos ricos corruptos e que a solução para tudo isso é a boa educação:

O que vale é a educação,
Que os pais dão pra gente,
Veja lá a mãe de Lula,
Uma cidadã decente,



Deu o exemplo de luta,
Hoje ele é presidente!!!

Veja o exemplo de Lula,
Se ele fosse vagabundo,
Não teria conseguido,
Ser importante no mundo
Quem trabalha sempre vence
Em ano, mês ou segundo!!!

O cordel registra sua opinião sobre um contexto, que não é pontual na História, mas que apresenta uma face em cada época. As transformações sociais imprimem, em cada época, características específicas de situações que se estendem por gerações. O cordel destaca a história de Lula, a partir de um detalhe do caráter do personagem, atribuído pelo poeta, que é a honestidade.

As palavras escolhidas pelo poeta são capazes de transportar o leitor para os seus sentimentos. Nos versos, ele faz sua própria análise do que teria feito de Lula um homem honesto. O poeta aponta a educação que o personagem recebeu da mãe, Dona Lindu, uma “sertaneja decidida”, “cidadã decente” como o fator determinante para que sua honra e dignidade fossem mantidas diante das circunstâncias adversas que foram enfrentadas na vida.

As características de crônica aparecem na forma como o relato é apresentado, sendo o todo – a criminalidade – analisado por um caso específico, a partir da subjetividade do poeta, que atribui a Lula um valor de homem digno e honesto. O cordelista deixa transparecer nas linhas de seus versos a importância que Lula tem na construção da memória nacional, principalmente, no que se refere aos valores morais que o fizeram chegar à presidência da República.

Se você fizer bonito,
Tomo mundo colabora,
O brasileiro em geral,
Lhe guardará na memória,
Seu nome ficará gravado,
Nas páginas da nossa História!!!

O cordel será mais um elemento que trabalhará na perspectiva de guardar essa memória, de segurar a ideia de que a pobreza não serve de justificativa para a criminalidade. Um menino retirante que passou fome e que, na visão do poeta, diante das lutas da vida, manteve-se firme e correto, conseguiu alcançar a presidência. O poeta se mantém esperançoso de que essa honestidade seja mantida durante todo o mandato. A esperança de que Lula faça “bonito”. A metáfora da beleza associada ao ato correto, o belo como o moralmente aceitável, o bem para todos.



Fica registrada a expectativa que se cria de um governo feito por um homem que conseguiu vencer na vida, a partir de sua luta contra todos os obstáculos que se fizeram presentes. Fica registrada a crença do poeta de que pobreza não justifica crime, que não é a sociedade que corrompe um indivíduo. Fica impresso no folheto o sentimento do poeta diante da situação da criminalidade no mundo em que ele está inserido, diante do novo governo que chega ao poder, diante da imagem de Lula, e do que esta imagem representa para uma Nação cheia de diversidades como é o Brasil.

Considerações finais

As funções sociais da crônica e do cordel não substituem uma à outra. São dois gêneros literários diferentes que se aproximam em algumas características que permitem que façamos associações ao analisarmos folhetos de temas circunstanciais e biográficos. Cordéis noticiosos e históricos são capazes de registrar a memória de um povo, através dos relatos carregados de subjetividade. Esses relatos permitem a compreensão de um fato, a partir da particularidade de um olhar do poeta e/ou do cronista.

Mas essas tais funções sociais se aproximam, permitindo um diálogo entre os dois gêneros e possibilitando uma reflexão acerca das criações literárias atuais e o papel que desempenham ao informar, alertar e entreter. Tanto a crônica quanto o cordel, como duas expressões artísticas, apoiam-se na realidade do cotidiano para serem compostas. A mimese está presente nas duas manifestações literárias, indo além da simples imitação/representação, mas constituindo-se de uma forte subjetividade, em que percebemos claramente a presença do cronista e do cordelista em suas obras.

Crônicas e cordéis são capazes de oferecer aos fatos do cotidiano um tom poético e, portanto, conseguem permanecer por mais tempo que uma notícia ficaria. O tempo da notícia é o tempo do jornal, que as pessoas se desfazem no fim do dia. Crônica e cordel, por conterem uma carga pesada de literariedade ao tratar de um fato da atualidade, conseguem unir a efemeridade da notícia à perenidade da literatura.

Características de crônica na literatura de cordel tornam-se visíveis quando esmiuçamos um folheto e atentamos para sua linguagem, seu contexto sócio-histórico, mas principalmente no que se refere ao conteúdo. As semelhanças estão nas essências das duas artes, e não na sua forma, como muitos alegam a impossibilidade de comparação por ser a crônica uma manifestação em prosa e o cordel em poesia. As crônicas camaleônicas, adaptáveis, moldam-se ao espaço que as aceite, sejam jornais, revistas, livros, ou até mesmo os folhetos de cordel.



Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007
- _____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Fragmentos sobre crônica**. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**. Volume 46, números 1 a 4. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1985, p. 43-53
- BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. 2004 (http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Barbalho.pdf) Acesso: 15/05/2009
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980
- BRASIL, Aléxia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005
- BENDER, Flora. LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993
- CANDIDO, Antonio (org) et ali. **A Vida ao Rés-do-chão**. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p.13-22
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria Literária**. Fortaleza: Edições UFC, 1987
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001
- LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992
- MAINARDI, Diogo. **Lula é minha anta**. São Paulo: Record, 2007
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas : Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p. 93-133
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: editora Cultrix: 1997
- NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas : Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p. 75-90
- PENNA, Maura. **O que faz ser Nordestino: Identidades Sociais, interesses e o escândalo Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem Literária**. São Paulo: Editora Ática. 1986
- REGO, Ana Regina. et. AMPHILO, Maria Isabel. **Gênero Opinativo**. In. MELO, José Marques de. et. ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010
- RONCARI, Luiz. **A estampa da rotativa na crônica literária**. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**. Volume 46, números 1 a 4. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1985, p. 9-16
- TAVARES JR, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995
- Folhetos:
- MAIA, José Pessoa. **A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva**. In: NETO, Crispiniano. **Lula na Literatura de Cordel**. Fortaleza: Imeph, 2009
- TARSO, Paulo de. **Da ficção à realidade: Nova York em chamas**. Fortaleza, 2001.